

30 AÇO 1997

Tempo de eleição

Rachel de Queiroz

Esses prolegômenos da eleição presidencial estão me deixando à beira de um ataque de nervos. Que saudades dos tempos do Brigadeiro! A gente não precisava escolher — podia o candidato contrário ser quem quisesse. Getúlio, Dutra, Jango. — não se tergiversava: o nosso nome era infalivelmente o do Brigadeiro, sempre a postos — austero, bonito, mãos limpas, o protótipo do herói pelo seu passado, do inatacável homem público, pelo seu presente. Os outros ganhavam, pois a vida política não é um conto de fadas, onde os bons sempre vencem. A gente perdia, mas perdia com honra, consolados: os outros que se danassem. Ou melhor, que nos danassem, que era o que faziam. A escolha nos parecia tão óbvia, mesmo para a derrota infalível — tínhamos cumprido o sagrado dever cívico. E partíamos de coração tranqüilo para os golpes de estado (deles), os estados de sítio, os estados de guerra, o Estado Novo fascista, e mais ignomínias a que o getulismo nos submeteu.

Depois vieram os regimes militares, que começaram bem com o governo Castelo Branco. Mas o presidente Castelo não pôde escolher o

seu sucessor, foi virtualmente deposto pela Linha Dura, que deu no que deu. E que, afinal, como tudo passa no mundo, também passou.

Votamos para uma nova Constituição e, faça a oposição as críticas que fizer, não podemos negar que, com Fernando Henrique no Planalto, fruímos em plenitude de todas as liberdades democráticas a que temos direito. Mas, de repente, chegaram as novidades, quando se pensava que estava tudo tranqüilo, marchando-se para a reeleição, Fernando Henrique voltando ao poder, (eu sempre fui a favor de reeleição: todo mundo deve ter direito a uma segunda chance). E eis que em vez de correr tudo pacificamente, como seria de prever, aparecem na arena eleitoral mais três candidatos, e todos três com as suas inegáveis credenciais em mão.

Primeiro foi Itamar Franco, a interinidade mais fecunda que o Brasil já conheceu, autor daquele golpe mestre no caso da cilada armada contra o ministro Ricupero: quando o PT amolava os dentes para devorar Ricupero até o último ossinho, Itamar deu-lhe um magistral rabo de arraia, indo buscar no Ceará o

governador Ciro Gomes, cuja ação pronta e brilhante calou o escarcéu.

Foi Itamar que segurou pelos chifres a inflação alucinada que nos devorava, e criou o Real; ajudado, claro, pelo seu ministro da Fazenda — justamente esse Fernando Henrique, agora com a sua reeleição disputada.

O segundo candidato que desbenta é o ex-presidente Sarney que, ao assumir o poder, sempre se mostrou cordato, sério, pacificador. Político de longo curso, em vez de lutar contra o maioral da época, Ulysses Guimarães, aliou-se a ele, trazendo-o pela mão, em vez de o ter pesando-lhe à cacunda.

O terceiro pretendente é Ciro Gomes, o nosso menino de ouro do Ceará, que já não é mais uma promessa, mas dono de uma fé de ofício curta, mas valiosa.

Quando o Congresso aprovou a reeleição, parecia tudo tão pacífico. A gente reelegia FHC, que merecia e merece o retorno, e pronto. Mas não, logo aparecem os três: Itamar, o homem providencial naquela hora difícil. Sarney, velho amigo de mais de trinta anos, de quem o Brasil não pode ter queixas, só bem lhe

fez; e Ciro Gomes, a melhor esperança do Nordeste, já pronto e acabado para exercer qualquer governo, até o do país; homens que levam a política a sério, como ciência em exercício e não como simples jogo de astúcias.

Qual dos quatro escolher? Cada um tem as suas graças e a sua força. Cada um traz a sua esperança.

No meio dessa indecisão, recorro de repente que já não sou mais eleitora no Rio: mudei o meu título para o Quixadá, no Ceará, no ano em que devia votar no Tasso. E agora, ainda por cima, vou ter que fazer a viagem de ida e volta, até o Quixadá, pra votar em quem? Nos quatro? A minha perplexidade deve ser de quase o Brasil inteiro. Mesmo que o Lula seja candidato, cada um atua no seu terreiro.

Mas, se a Luíza Erundina se apresentasse? Eu não gosto dos petistas (que são a coisa mais parecida com os stalinistas que já veio ao mundo) mas nessa paraíba eu votaria de olhos fechados e ainda pagava para ver!

■ Rachel de Queiroz, membro da Academia Brasileira de Letras, é escritora